

A história de um pensamento

*Resenha de Marilsa Taffarel e Bela M. Sister,
Isaías Melsohn - a psicanálise e a vida,
São Paulo, Editora Escuta, 1996, 243 p.*

É relativamente fácil para os psicanalistas de ofício e estudiosos da teoria psicanalítica encontrarem algum tipo de representação para o que possa ser um livro de psicanálise: geralmente, imagina-se um exame exaustivo do objeto delimitado, mesmo que recortado com delicadeza, transitando em torno de articulações que envolvem a teoria, o método, a clínica, a epistemologia, a cultura, etc. Naturalmente, cada autor escolhe a matéria-prima e esculpe em palavras a sua criação, reconhecendo-lhe os traços próprios, expressão dos movimentos exploratórios de seu pensamento. Contudo, poucas vezes encontramos amostras contundentes de todos esses elementos reunidos num só livro. Nesse sentido, *Isaías Melsohn - a psicanálise e a vida*, de Bela M. Sister e Marilsa Taffarel, destaca-se como um trabalho raro, tanto por seus sensíveis traços de pesquisa histórica como por sua ousada disposição artística, radicalmente libertadora, de envolver o leitor num contato com diversificado material pertencente ao universo psicanalítico atual, este sempre à procura de algum viço criativo perdido no tortuoso caminho percorrido em cem anos.

A fonte de onde emana essa atmosfera vibrante é a história da vida de Isaías Melsohn, contada por ele mesmo, por colegas e amigos (Parte I - *Flagrantes de uma trajetória*), seguida de expressões do pensamento vivaz do analista, ao visitar criticamente alguns dos conceitos psicanalíticos fundamentais; de tão incorporados às escolas e à cultura, para muitos de nós, infelizmente, eles ou

nunca foram ou já deixaram de ser objeto de qualquer interesse especial (Parte II - *Reflexões sobre a teoria e a clínica psicanalíticas*).

Fabio Herrmann, na *Apresentação*, salienta a necessidade de reconhecermos a existência da produção psicanalítica brasileira, convidando-nos a assumir a condição de autonomia autoral. Simultaneamente, nos apresenta um tanto do livro e um tanto de Isaías Melsohn, segundo Fabio, um dos mais originais e criativos analistas brasileiros:

“Falta-nos, na verdade, a tradição de crer que temos tradição, na psicanálise, como noutras áreas do conhecimento ... Não creio que se trate apenas de recuperar uma tradição, mas de criá-la, de criar a tradição de auto-respeito dentro de nossa psicanálise, de criar a tradição de ter tradição” (p. 9-10).

As autoras oferecem ao leitor um cuidadoso bordado: três anos de investigação, a partir de longas conversas com Isaías e com suas pessoas mais próximas, além da convivência íntima com as idéias do mestre, produziram um roteiro criterioso onde estão apresentadas harmonicamente as suas falas. Nas *Notas introdutórias* Marilsa Taffarel e Bela M. Sister sistematizam alguns dos fundamentos teóricos e clínicos que estão na base desse pensamento original, propiciando uma ambientação rica e esclarecedora para aqueles que ainda não o conhecem. Aqui temos uma particula-

ridade, pois Isaías escreveu pouco até o momento, como Fabio Herrmann observa:

“Ansiando capturar o todo de tudo e dar-lhe a mais perfeita expressão estética, Isaías é uma aranha emaranhada na teia que teceu e é o único instrumento expressivo pleno de seu próprio pensamento. Daí, quem sabe, não escreva; sua fala e gestualidade são completas, havia que mandá-las diretamente à gráfica, se quiséssemos um texto de acabada forma isaiana” (p. 12).

Encontramos, sempre em situação dialógica, um Isaías cioso em contar seu percurso desde seu nascimento na Polônia em 1921; sua chegada a São Paulo em 1926, os cerimoniais judaicos vividos em família, as amizades da infância no Bom Retiro, as experiências escolares, sempre pontuando traços próprios de sua sensibilidade:

“Tudo que eu tenho trago comigo. Propus este lema para nosso quadro de formatura. Isto talvez sugira a importância que os valores intelectuais iam assumindo para mim” (p. 48).

Esta lembrança de 1937 encaminha uma outra fase da história do jovem conquistado pela música clássica, frequentador contumaz das reuniões do *grupo de música*: o relato vai acompanhando a ampliação do universo de Isaías, vai imiscuindo-se no mundo, focalizando um processo de formação intelectual dos mais interessantes, o que é sem dúvida um dos pontos de referência deste livro que sempre manterá seu norte apontado para a psicanálise.

Isaías nos apresenta, ora com ternura, ora com sutil orgulho, vários de seus amigos e interlocutores mais íntimos; nomes que nos são familiares, ligados à vida artística e intelectual paulistana. A trajetória de Isaías Melsohn se encontra com a de Jacó Guinsburg, Aníbal Silveira, Durval Marcondes, Anatol Rosenfeld, Leo Seincman, Boris e Regina Schnaiderman, João Marino, Octávio Salles, Theon Spanudis, Alberto Rocha Barros e muitos outros, de gerações e campos diversos.

A cidade também ganha seu espaço de existência nas passagens relatadas. A alma da província-metrópole expressa-se por descrições sublimes, à moda daquelas singelas histórias contadas em família. A São Paulo da efervescência cultural do início do século vivifica-se na imaginação do leitor. A vida da antropofágica cidade, culturalmente atrelada à Arte Moderna dos anos 20, em suas rupturas de forma e conteúdo, sinalizaria uma tendência intelectual progressista que atravessaria as décadas seguintes, marcando o perfil da geração à qual pertence Isaías Melsohn. Tudo indica que efervescência também é lugar comum na história de um homem cujos movimentos mentais insistiam em buscar alimento para o espírito, nas mais variadas nascentes:

“Desde 1945, 1946, eu era um positivista absoluto, por formação. Assim como eu pensava de maneira positivista em relação à ciência e à epistemologia, pensava de maneira positivista em relação à pintura também. A música me era mais acessível.

Tive a sorte e a condição de me abrir. Pude, aos poucos, abandonar as tendências e defesas racionalistas que me

impediam de ser penetrado pela comunicação emocional e estética da arte não-figurativa” (p. 102).

Por meio da perspectiva biográfica que abrange a paixão pela arte, a militância política, a iniciação filosófica, a medicina, a psiquiatria, o amor, a amizade, a *atividade colecionista* de imaginária sacra, pintura brasileira e tapetes orientais antigos, vamos adquirindo bons instrumentos para entender melhor tanto as idéias como o papel de Isaías Melsohn no contexto psicanalítico.

A formação do psicanalista Isaías confunde-se com o percurso de nossas instituições. Analisou-se com Adelheid Koch, participando do grupo que seria o embrião da futura Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Já na década de 70, após ter vivido em Londres, onde teve seminários com Herbert Rosenfeld, Betty Joseph, Ruth R. Malcolm, Sidney Klein e Irma Pick (além da análise com Hanna Segal), Isaías enfrentaria, unido a um grupo de colegas, um conflito político de grandes proporções na SBPSP, ao colocar-se dissonante em relação a uma instituição “homogênea” na época, e que assim pretendia permanecer, como ele mesmo conta:

“Elaborou-se um projeto de estatutos realmente fascista, que continha graves e absurdas restrições ao livre debate e à participação de colegas em atividades de ensino fora da Sociedade... O auge da crise aconteceu em 1976, com a formação do Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica que Regina Schnaiderman, Roberto Azevedo, Fabio Herrmann e eu organizamos no Instituto Sedes Sapientiae” (p. 148).

Isaías Melsohn é conhecido por suas colocações contundentes, por sua atividade crítica independente, exercida com força argumentativa quase inelutável. Suas posições parecem reivindicar estado de liberdade para o pensar do analista, o que se manifesta, por exemplo, na conduta clínica gentil e intimista que não se apressa em promover conclusões definitivas sobre o paciente. Ao contrário, procura resguardar o campo propício para a formação de expressões da vida emocional do analisando. Em seus seminários, sustenta que o objeto de escuta apóia-se no discurso mas está num domínio que lhe transcende; situa o analista em disposição favorável à apreensão de todo conteúdo expressivo circulante na comunicação; recomenda ingenuidade aos nossos sentidos. Porém, o que salta aos olhos é a consistência teórica com que fundamenta esses procedimentos.

Na segunda parte, *“Reflexões sobre a teoria e a clínica psicanalíticas”*, encontramos uma leitura mais exigente, nem por isso menos prazerosa: Isaías fala de sua obra propriamente dita, pois lá estão colocadas as suas críticas mais agudas e os principais produtos de sua autoria inconfundível, que ganham contorno a partir desta publicação.

Verificamos toda uma gama de considerações sobre as expressões simbólicas, inspiradas principalmente na teoria da experiência expressiva de Cassirer, articulada com a fenomenologia de Husserl, de Sartre e de Merleau-Ponty. Isaías parte destes e de outros referenciais para pensar a psicanálise. Reconhece a existência de dois Freud:

“O Freud inovador, voltado para a captação do sentido, que encontramos em *A interpretação dos sonhos* e nos casos clínicos. E o Freud da teoria clássica da percepção, que aparece por exemplo, em *Os dois princípios do funcionamento psíquico* ou em *Mais além do*

princípio do prazer, onde ultrapassa a experiência que pode ser apreendida.” (p. 173) O Freud a quem Isaías concede reconhecimento é aquele de “imaginação criadora extraordinária. Rompe com a noção de ciência causal, mostrando como no domínio da vida psíquica prevalece a compreensibilidade ou a motivação” (p. 173). O Freud que se torna criticável é aquele que, “ao fundamentar sua apreensão do sentido descoberto, se apoiou numa estrutura teórica já existente - as concepções naturalistas, predominantes nos meios neopsiquiátricos e psicológicos do último quartel do século passado, que analisavam e definiam os atos psíquicos segundo a tradição do empirismo inglês e sua transcrição francesa” (p. 174).

O apego de Freud à fundamentação científica e, sobretudo, aos fundamentos nos quais se apoiou, é o que Isaías toma como problemático. Posiciona sua crítica, examinando as bases do conceito de inconsciente através da fobia do pequeno Hans:

“O conteúdo fóbico de Hans - como toda a concepção da realidade do mundo físico e humano - é uma construção original, primária, isto é, não existe, por trás dela, um outro mundo representado. Não existe uma representação reprimida do pai como verdade do conteúdo fóbico. Os assim chamados ‘acontecimentos verdadeiros’ são produtos de uma reflexão de Freud, são resultado final da elaboração e abstração do processo analítico.

Para nós, psicanalistas, é importante saber que aquilo que presumimos ser inconsciente não é nada. É algo que não tem existência ainda. Existe o impulso, que se dirige para fora e seleciona, no mundo externo, as configurações capazes de dar forma ao universo sensual e erótico da relação de Hans com seus pais” (p. 175).

A crítica ao conceito de inconsciente como um lugar, como uma espécie de depósito de representações, atinge diretamente toda uma rede de conceitos que estão na órbita do inconsciente, promovendo movimentos essenciais na clínica psicanalítica. Só para citar dois exemplos, pensemos na transferência e na interpretação: que estatuto teriam, na perspectiva onde o inconsciente figura como forma de consciência? Isaías nos aponta respostas no decorrer da leitura e nos injeta a semente da busca, aquela que nos faz rastrear um modo próprio de concepção do ofício psicanalítico. Particularmente me permitiria incluir as referências advindas de outros Freud, o que, a meu ver, enriqueceria a discussão. Talvez esteja aí a razão pela qual Isaías seja chamado de mestre por tanta gente.

A Marilisa e Bela devemos a possibilidade de termos conosco um livro inteligente e oportuno, por muitos motivos possíveis, recomendável aos colegas.

Isaías Melsohn é objeto de um nítido sentimento de gratidão; redescobrimos isso ao lê-lo. Como produto da ação benigna de sua criticidade, corajosa e fundamentada, contamos com eficientes recursos para o exercício crítico, sem o qual estagamos em solo árido. A Isaías e a outros analistas citados no livro, o reconhecimento de seus esforços em defender a pluralidade e a honestidade intelectual, valores dos quais, hoje, minha geração pode se alimentar.

Osmar Luvison Pinto é psicanalista do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.